



Sociedade em crise: novos caminhos a seguir

GUIA DE ESTUDOS



OSCE

“Nada é permanente, exceto a mudança”

(Heráclito)

OSCE

Organização Para a Segurança e Cooperação na Europa

CRISE NA UCRÂNIA
SOLUÇÕES E EFEITOS DA ESCALADA DE VIOLÊNCIA



DIRETORES-CHEFES

Matheus Sousa Maciel Gualberto de Galiza

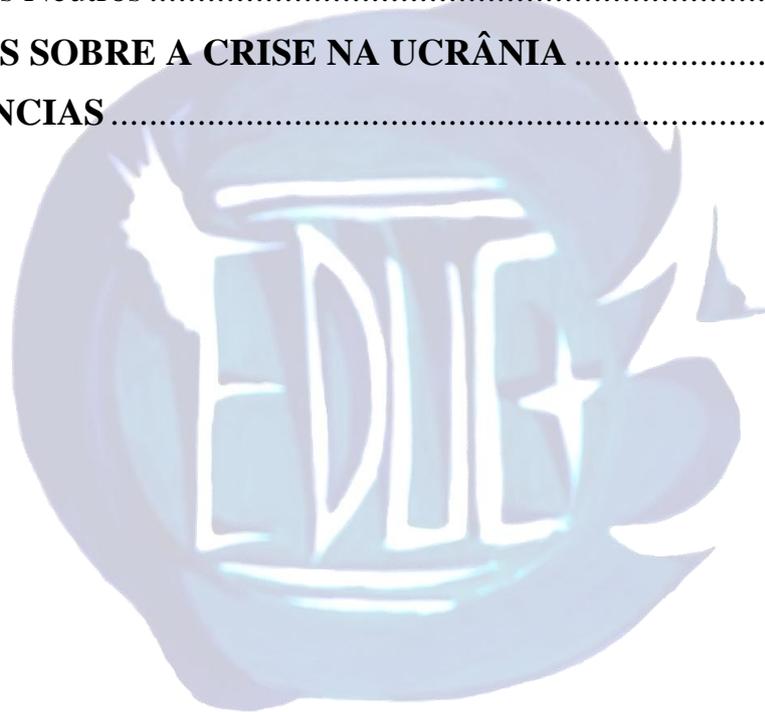
Vívian Barbosa Penha Freire

DIRETORA-ASSISTENTE

Juliana Silveira Pontes

Sumário

1 A CRISE NA UCRÂNIA	4
2 CONFERÊNCIA DA OSCE SOBRE A QUESTÃO UCRANIANA ..	6
3 A OSCE.....	7
4 POSIÇÃO DOS PRINCIPAIS ATORES.....	8
4.1 EUA, Alemanha, Reino Unido e França	9
4.2 Rússia.....	10
4.3 Países Neutros	10
5 ANEXOS SOBRE A CRISE NA UCRÂNIA	11
REFERÊNCIAS	13



1 A CRISE NA UCRÂNIA

Ao longo da história, a Ucrânia foi dividida, governada e repartida por uma diversidade de povos, e uma dessas dominações estrangeiras é fundamental para entender o passado e presente da atual Ucrânia: a dominação por parte da Rússia. Tal dominação, mais que secular, acabou se tornando uma união, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que estreitou ainda mais os laços sociais e políticos dos dois países eslavos.

Posteriormente, com o colapso da URSS, a Ucrânia acabou se tornando um Estado-nação independente, mas as amarras políticas com o poderoso vizinho continuaram firmes até o fim de 2013, quando o então Presidente Viktor Yanukovich recusou acordos que iriam estreitar os laços da Ucrânia com a União Europeia. Essa medida gerou uma série de protestos, que culminaram na renúncia do então Presidente e no início de uma série de conflitos e incertezas no país.

Com a escalada desses conflitos, a Rússia resolveu intervir militarmente no território ucraniano, usando o argumento de defender minorias étnicas russas que estavam sendo ameaçadas com a instabilidade da região e com o aumento de ideologias de caráter neonazistas.

Essa intervenção militar fez com que o mundo assistisse, com preocupação, ao desenrolar dos acontecimentos políticos e militares na Ucrânia. Os países ocidentais, representados pelos Estados Unidos da América e pela União Europeia, agiram o mais rápido possível para tentar afastar os russos de volta para as suas fronteiras, solicitando reuniões no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Foram aplicadas sanções contra a Rússia – as quais não impediram o intervencionismo por parte de Moscou.



Em março, o parlamento da Crimeia – antes, uma região pertencente à Ucrânia – votou e aprovou uma proposta para, a partir de então, fazer parte do território russo. O acordo foi acatado por Vladimir

Putin, que sancionou uma lei o ratificando, com base no artigo 1º, parágrafo 2º, da Carta das Nações Unidas, que garante o direito de Autodeterminação dos Povos. No mesmo mês, a Assembleia Geral das Nações Unidas passou uma resolução que declarava o referendo realizado na Crimeia como inválido, por 100 votos favoráveis, 11 contrários e 58 abstenções.

Para os ucranianos, a situação se torna mais caótica a cada dia. Estão separados por muros bem maiores do que os que um dia já dividiram a Alemanha durante a Guerra Fria. Trata-se de uma separação cultural, linguística e étnica, somada à pressão exercida pelas grandes potências em cada um dos lados.

O futuro da Ucrânia ainda é incerto e perigoso, tal como se torna o futuro da humanidade. Esse é um jogo onde as peças mais importantes de um perigoso tabuleiro são grandes potências nucleares, e, se uma peça fizer um movimento em falso, a humanidade sofre xeque-mate.

2 CONFERÊNCIA DA OSCE SOBRE A QUESTÃO UCRANIANA

Na busca por uma resolução para o fim da crise na Ucrânia, a segunda reunião de negociações sobre a questão ucraniana aconteceu nos dias 20 e 21 de julho de 2014. Foram escalados, para essa conferência, todos os países chaves para o entendimento e negociação do conflito, que é considerado o principal do século XXI.

Outro ponto chave seria o debate questionando se a Missão Especial de Monitoramento da Ucrânia estava sendo respeitada. Tal Missão foi criada no dia 21 de março de 2014 por consenso de todos os Estados-membros da OSCE. O mandato dela foi expandido até o dia 21 de setembro de 2014. A MEMU (SMM, em inglês) é uma missão civil que não possui nenhum tipo de armamento, presente por 24/7 em todo o território ucraniano. Suas principais tarefas são observar e reportar, de modo imparcial e objetivo a situação na Ucrânia, e de facilitar o diálogo entre todas as partes envolvidas na crise.

A comunidade internacional esperava que essa reunião pudesse estabilizar as ações na região e garantir um fim à escalada de violência na região - realidade que se tornou mais complicada com a queda de um avião, abatido por uma das partes em pleno voo. O MH17 da Malaysia Airlines era um avião doméstico que carregava apenas civis, sendo boa parte deles estudiosos sobre a AIDS. Esse incidente tornou-se combustível para acender ainda mais a chama da ira entre separatistas e movimentos pró-governo, já que, por falta de provas de quem abateu o avião, as partes se culpam mutuamente.

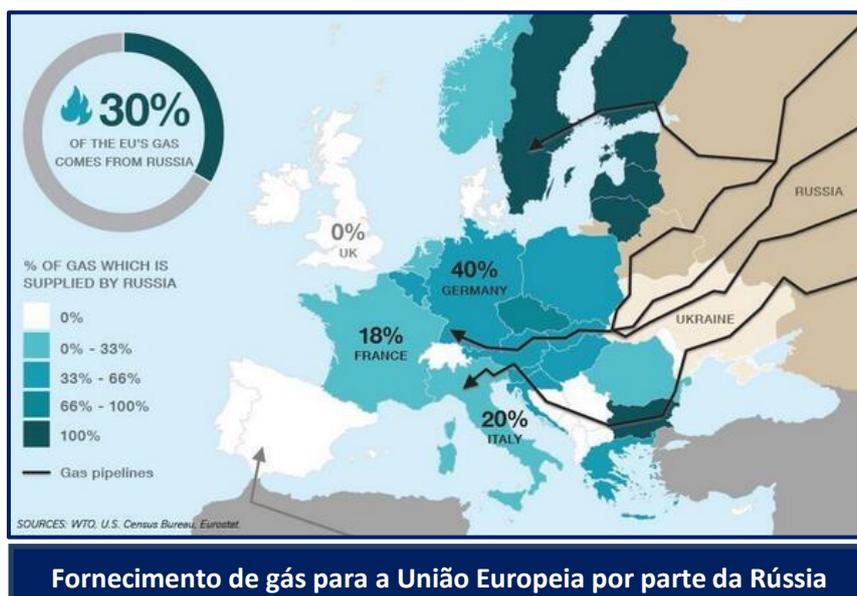
Esses serão os enclaves que precisam ser superados pelos Estados-membros da OSCE para que o diálogo possa prevalecer e, assim, trazer paz para o Leste Europeu.

4 POSIÇÃO DOS PRINCIPAIS ATORES

Tendo como critério as relações de aliança estabelecidas com o Estado ucraniano ou com os rebeldes separatistas, os países foram classificados entre: aliados ao governo ucraniano, apoiadores dos separatistas ou países neutros. As posteriores mudanças das posições dos atores podem mudar de acordo com o desenrolar dos acontecimentos na Ucrânia, assim como o surgimento de novos atores estatais no conflito.

Um fato de importância crucial para o desenrolar das ações se baseia em gás e petróleo, já que a Rússia é a principal distribuidora desses elementos para os países europeus, e, caso resolva cortar a distribuição, um caos energético e econômico atingiria o continente europeu. É importante lembrar o quadro da União Europeia, que está se recuperando de uma crise recente.

Contudo, no jogo das relações internacionais, nenhum lado perde sozinho, a UE é tão dependente da energia russa quanto a própria Rússia é dependente das importações e exportações europeias, já que representam o principal mercado de investidores da Rússia. Por isso, tanto o Kremlin (sede do governo russo) quanto Bruxelas (capital da União Europeia), necessitam agir cautelosamente para que o caos não se instaure na região.



4.1 EUA, ALEMANHA, REINO UNIDO E FRANÇA

O **EUA** é o país que utiliza de um tom mais duro contra a Rússia. O Presidente Barack Obama chegou a afirmar que a ocupação da Crimeia deixa a Rússia do lado errado da história. O país já suspendeu diversas parcerias militares e científicas com a Rússia – o que não foi muito importante para Moscou, já que os Estados Unidos não chegam a estar na lista dos 10 maiores parceiros russos. Por isso, alguma pressão econômica efetiva necessitaria vir por parte dos europeus. Para Washington, pressões vindas por parte da OTAN são vistas com bons olhos, demonstrando que eles estão preparados para qualquer hostilidade vinda da parte russa.

A **Alemanha** tem sido a principal ponte de diálogo com a Rússia, contando com comentários comedidos da chanceler Angela Merkel sobre a situação. Com a proximidade geográfica da Ucrânia, um conflito armado na região custaria muito caro para a Alemanha. O governo alemão está demonstrando claramente que está primeiramente interessado em proporcionar opções aceitáveis à Rússia, antes que sanções possam ser adotadas. Berlim nunca chegou a dizer que os russos precisavam recuar. Em vez disso, disse que o país precisava apresentar mais garantias ao ocidente acerca de suas reais intenções.

A **França** e o **Reino Unido**, diferentemente da Alemanha, adotam um posicionamento mais firme sobre a questão ucraniana, apesar de serem mais suaves que o posicionamento americano. Ambos os países acreditam que, se pressionarem a Rússia suficientemente bem, podem fazer com que Moscou mande os soldados recuarem sem haver retaliações por parte do governo russo.

4.2 RÚSSIA

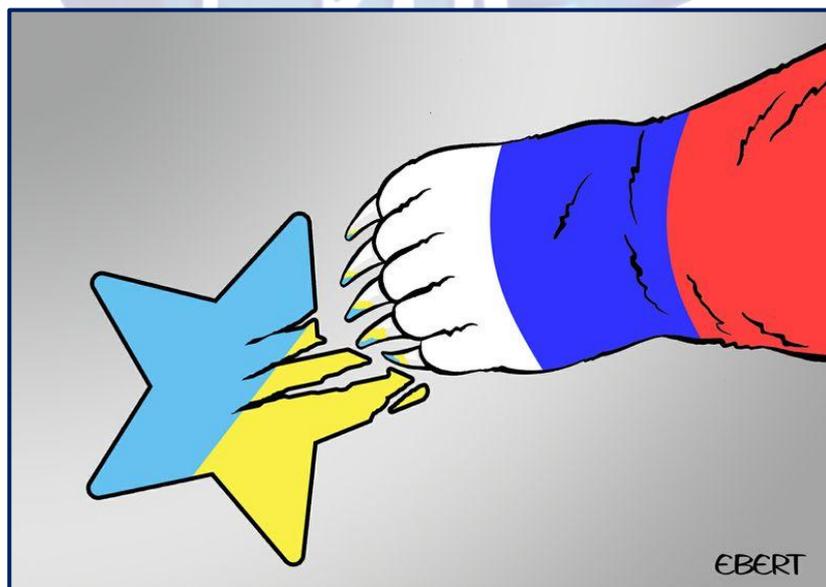
Para a Rússia, o acordo firmado no dia 21 de fevereiro com o objetivo de acabar com a violência na Ucrânia não foi cumprido. Portanto, os russos consideram Yanukovich o presidente legítimo da Ucrânia e negam o envio de forças militares para a região do leste ucraniano. O governo russo alega que os soldados vistos são mobilizados localmente, entretanto, não negam o possível envio de militares, argumentando que seria para a defesa de uma minoria étnica russa.

Um dos principais fatores de interesse do país na Crimeia consiste no fato de que lá está localizada a frota russa do Mar Negro, já que o território pertencia à nação desde o século XVIII. Outro ponto importante a ser citado é que os russos alegam proteger uma minoria étnica nesses territórios, proclamando a autodeterminação dos povos, uma vez os conflitos entre o oeste e o leste se intensificam cada vez mais na Ucrânia, gerando uma nova crise humanitária no continente europeu.

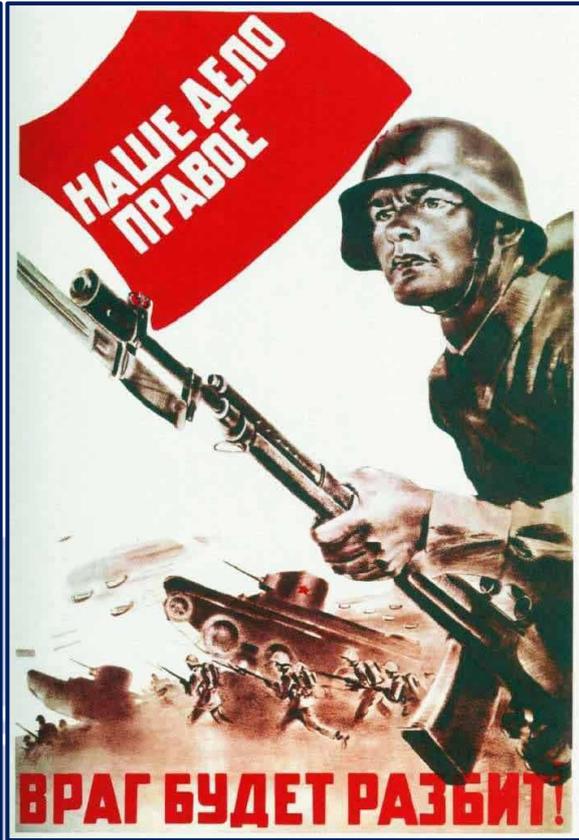
4.3 PAÍSES NEUTROS

Cabe a essa maioria de países decidir qual o futuro das negociações, ouvindo todos os lados atentamente e aliando a sua escolha ao posicionamento da sua política externa. Os países neutros podem se tornar peças-chave para a resolução do conflito na Ucrânia – especialmente os que fazem fronteira com ela, levando em consideração que o mínimo conflito bélico na região geraria diversas crises humanitárias e econômicas. É preciso tomar cuidado para decidir o melhor para o seu país e para os seus aliados.

5 ANEXOS SOBRE A CRISE NA UCRÂNIA



Cartuns ilustrando a visão ocidental em relação à intervenção russa na Ucrânia



Posters demonstrando a visão russa de que o país deve combater o nazismo sempre, por ser uma ameaça à nação.

REFERÊNCIAS

- MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF RUSSIAN FEDERATION WEBSITE. The Diplomatic Journal. Disponível em <http://www.mid.ru/bdomp/brp_4.nsf/main_eng>. Acessado em 04/03/2015.
- STERN, David. Ukraine Crimea: Rival rallies confront one another. BBC News website, 2014. Disponível em <<http://www.bbc.com/news/world-europe-26354705>>. Acessado em 05/03/2015.
- KEATING, Joshua. Separatism in Ukraine blame Nikita Khrushchev for Ukraine's newest crisis. Slate Group website, 2014. Disponível em <http://www.slate.com/blogs/the_world_/2014/02/25/separatism_in_ukraine_blame_nikita_khrushchev_foniNikita%20r_ukraine_s_newest_crisis.htm%20for%20Uk>. Acessado em 01/05/2015.
- RUSSIA TODAY WEBSITE. Ukraine Tags. Disponível em <<http://rt.com/tags/ukraine/>>. Acessado em 01/05/2015.
- THE NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION REVIEW MAGAZINE. The Ukraine crisis and NATO-Russia relations. Disponível em <<http://www.nato.int/docu/review/2014/Russia-Ukraine-Nato-crisis/Ukraine-crisis-NATO-Russia-relations/EN/index.htm>>. Acessado em 03/05/2015.
- MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF UKRAINE HOMEPAGE. Disponível em <<http://mfa.gov.ua/en>>. Acessado em 03/05/2015.
- COUNCIL OF FOREIGN AFFAIRS. Ukraine Publications. Disponível em <<http://www.cfr.org/ukraine/ukraine-crisis/p32540>>. Acessado em 05/05/2015.
- BBC NEWS WEBSITE. Europe News. Disponível em <<http://www.bbc.com/news/world-europe-26270866>>. Acessado em 05/05/2015.